



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA VOLUNTÁRIA – PICVOL

**TRABALHO CAMPONÊS NA FORMAÇÃO TERRITORIAL DE ITABAIANA,
SERGIPE**

Registro de memória social do trabalho camponês

Área do conhecimento: Geografia
Subárea do conhecimento: Geografia Humana
Especialidade do conhecimento: Geografia Agrária

Relatório Final
Período da bolsa: de Agosto/2018 a Julho/2019

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica

PICVOL

Orientador: Fabrícia de Oliveira Santos
Autor: Franciely Santos Cunha



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

SUMÁRIO

1. Introdução.....	3
2. Objetivos.....	5
3. Metodologia.....	6
4. Resultados e discussões.....	8
5. Conclusões.....	20
6. Perspectivas.....	21
7. Referências bibliográficas.....	22
8. Outras atividades.....	24
9. Apêndices.....	26

1- Introdução

Pensar e estudar a importância camponesa na constituição de um território não é tarefa fácil. O município de Itabaiana/SE possui camponeses, estes não necessariamente participaram de lutas e movimentos na rua e/ou campo, mas possuem um modo de vida com costumes que lhes são próprios, que os identifica como camponeses, sobretudo, o domínio e/ou compreensão da importância da terra como meio de produção mediada pela categoria trabalho. Diante disso, Wanderley (2014, p. 26) assinala:

Numa perspectiva geral, o campesinato corresponde a uma forma social de produção, cujos fundamentos se encontram no caráter familiar, tanto dos objetivos da atividade produtiva – voltados para as necessidades da família – quanto do modo de organização do trabalho, que supõe a cooperação entre os membros. A ele corresponde, portanto, uma forma de viver e trabalhar no campo que, mais do que uma simples forma de produzir, corresponde a um modo de vida e a uma cultura.

Nesse sentido, o plano de trabalho “Registro de memória social camponesa” busca reviver, escutar e registrar memórias, costumes, materialidades e sociabilidades camponesas e sua importância na formação do território de Itabaiana. Dessa forma, a proposta de pesquisa justifica-se por buscar esclarecer as formas de reprodução camponesa através do seu trabalho da lida direta com a terra e sua importância social na constituição do território de Itabaiana/SE.

Para compreender o sentido da presença camponesa neste processo, uma revisão sobre a (re)ocupação e desenvolvimento do município Itabaianense. Em estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1944), Itabaiana contava, na década de 1940 com uma população estimada em 30.263 habitantes, destes, 25.789 residiam na zona rural, que contava, com 78 povoados. Devido à intensa urbanização ocorrida no município de Itabaiana/SE, alguns destes povoados passaram a integrar o perímetro urbano do município, como exemplos: Porto e Queimadinhos. Outros passaram a pertencer a territórios de municípios circunvizinhos que foram desintegrados de Itabaiana, como exemplos: Capunga e Candeias, que hoje compõem o território de Moita Bonita/SE.

Dessa forma, estudar o processo de formação territorial de Itabaiana não anula a possibilidade de analisar os discursos dos sujeitos sociais que residem em municípios adjacentes ao de Itabaiana, pois quando se realiza um estudo desse processo se identifica uma dimensão

territorial bem maior do que o atual, além de contemplar, é claro, relações diretas e indiretas desses sujeitos com esse município.

No último censo realizado pelo IBGE (2010), Itabaiana contava com 86.967 habitantes, destes, apenas 19.258 viviam na área rural do município. Diante desse cenário, as relações sociais no campo foram sendo alteradas drasticamente, o sentido da coletividade, sendo esquecido. Entretanto, mesmo diante de tantas dificuldades em permanecer ou até mesmo de ter um pequeno pedaço de terra para o cultivo, sobrevivência e reprodução social o camponês demonstra resistência de diferentes formas.

Fugindo às regras impostas pelo capital, onde a agricultura brasileira é sempre associada a grandes propriedades monocultoras destinadas ao mercado externo, ao uso de agrotóxicos e maquinários modernos e sofisticados, no município sergipano de Itabaiana é possível perceber um modo de vida e uma cultura camponesa explícita na fala e na materialidade camponesa.

Diante disso, a pesquisa em questão procurou entender a importância do camponês para a constituição do atual território Itabaianense (FERREIRA, 1959; LIMA JÚNIOR, 1914)¹. Além de destacá-lo como um ser histórico-social (ABREU, 1997; FORMAN, 2009; CARVALHO, 2015), o valor do conhecimento e costumes camponeses (BLOCH, 2001; THOMPSON, 1998) e sua luta por espaço e reconhecimento (WANDERLEY, 2014; MARX, 2013).

O presente Relatório expõe, portanto, conforme modelo previsto as atividades de iniciação científica desenvolvidas entre agosto de 2018 a julho de 2019.

¹ A ênfase ao atual território, justifica-se pela perda de área ao longo do tempo. Por exemplo, municípios como Moita Bonita que foi desmembrado de Itabaiana em 1960 (IBGE, 2019).

2. Objetivos

Objetivo geral:

- Explicar a importância do trabalho e conhecimento camponês para a formação territorial do município de Itabaiana/SE.

Objetivos específicos:

- Analisar entre a memória social de camponeses em Itabaiana e no entorno, o sentido de terra e trabalho camponês;
- Ouvir e registrar a memória camponesa nos mais diversos temas que permeiam essa classe de trabalhadores;
- Analisar o conteúdo das entrevistas.

3. Metodologia

Os procedimentos expostos a seguir seguem a orientação de método do materialismo histórico e dialético. Nas palavras de Netto (2011, p. 22) é “o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto”. O método de pesquisa guia, portanto a forma de abordar do/o objeto de pesquisa, nesse caso o trabalho camponês na formação territorial de Itabaiana/SE e, de modo especial o plano de trabalho “Registro de memória social do trabalho camponês” e as ações de pesquisa em torno do objeto.

A pesquisa foi ancorada numa questão central: Analisar a importância do trabalho camponês para a formação territorial do município Itabaianense através de trabalhos de campo, realização de entrevistas, relatos informais de camponeses de diferentes faixas etárias. Com a possibilidade de analisar entre tempos, surge uma discussão preliminar em torno de palavras-chave: A terra, o sítio, a roça, os costumes, o trabalho. Qual o real significado dessas palavras para os camponeses?

Para atingir o objetivo da pesquisa e especialmente do plano de trabalho “Registro de memória social do trabalho camponês”, foram realizadas entrevistas com camponeses. O principal critério utilizado para selecionar entrevistados é a condição de possuir vínculo direto com a terra, ainda que por inúmeros motivos, não resida atualmente no campo. Parte dos entrevistados são alunos do curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe – Campus Prof. Alberto Carvalho, essa seleção foi uma forma de valorização dos discentes camponeses e reconhecimento de seus conhecimentos enquanto estudante e camponês. Todas as entrevistas realizadas foram gravadas em suporte eletrônico e optou-se pela transcrição literal da entrevista, ou seja, o registro do que o entrevistado fala. Meihy; Holanda (2015) apresentam um guia para a construção do registro de memória camponesa desde o momento do depoimento até sua transcrição; de como utilizar esse depoimento como ferramenta metodológica na construção de conhecimento. Os depoentes também assinaram um termo de entrevista livre e esclarecido², onde autorizam o uso do conteúdo da entrevista para fins acadêmicos.

Os registros de memória camponesa realizados seguiam roteiro criado especialmente para cada entrevista. Nesse roteiro não eram colocadas perguntas fechadas, mas também, temas livres relacionados ao campo, como exemplos: O sentido da terra, trabalho, propriedade, tempo,

² Ver Apêndice A: Termo de consentimento de entrevista.

uso de agrotóxicos, comunidade, coletividade, cidade, feira, a palavra camponês, costumes, água. A partir da fala ou até mesmo do silêncio do depoente outras questões poderiam surgir. Sobre a história oral Sá (2002) indica os desafios para interpretação de fontes orais, os silêncios e esquecimentos, as escolhas por determinados assuntos, consciente ou inconsciente pelo depoente. Sá (2002) assinala também que o registro de memórias é uma metodologia eficaz para garantir o direito às identidades, nesse caso, a identidade camponesa.

Outra ação fundamental para execução do projeto e pilar da pesquisa foi à revisão de literatura realizada, alterando por diferentes dimensões de escalas teórico-geográficas, como exemplos: Marx (2013), Lima Júnior (1914), Bloch (2001), Williams (2011), Thompson (1998), Wanderley (2014), Sá (2002), Forman (2009), que auxiliam na compreensão do valor do conhecimento camponês, da manutenção dos seus costumes, sua resistência á seca, ao uso de agrotóxicos, ao avanço capitalista no campo e sua relevância na construção do território Itabaianense.

Os trabalhos de campo realizados à feira e a uma pequena propriedade rural de família camponesa localizada no Povoado Caraíbas reforçam a leitura do espaço estudado.

A partir dessas ações, destacam-se os seguintes procedimentos metodológicos qualitativos da pesquisa:

- Leituras bibliográficas relacionadas à pesquisa e, de modo especial ao plano de trabalho “Registro de memória social do trabalho camponês”;
- Fichamento de textos teóricos;
- Reuniões semanais de orientação;
- Elaboração de formulários e roteiros para trabalho de campo;
- Organização de instrumentos para trabalho de campo: Câmera, gravador;
- Trabalhos de campo;
- Realização de entrevistas;
- Transcrição de entrevistas;
- Sistematização e análise dos dados obtidos através das observações, entrevistas e relatos;
- Elaboração dos relatórios parcial e final.

4. Resultados e discussões

Os resultados e discussões aqui expostos são produtos de leituras específicas, da sistematização e análise das entrevistas realizadas com camponeses, das reuniões de orientação e dos trabalhos de campo realizados.

“Camponês”, palavra com simples definição: “Trabalhador do campo” (QUEIROZ, 2014, p. 142), entretanto de múltiplas representações. Como assinala Carvalho (2015, p. 01): um debate já antigo, mas nunca encerrado. Dessa forma, os registros de memória permitiram compreender inúmeras relações, especialmente relacionados às categorias “Terra, homem e trabalho”, além de diversos outros temas relacionados aos camponeses e sua importância para a constituição do território itabaianense, a saber: os costumes, as interações e coletividade, a feira, a disponibilidade de água.

Na obra “O Vale de Campan”, Lefebvre (2011) caracteriza a comunidade camponesa. Em Campan, destaca-se a propriedade coletiva. Essa característica é primordial em uma comunidade camponesa. As outras decorrem ou se relacionam com ela. É importante destacar que o texto explicita a organização da comunidade em função de uma conjuntura bem determinada.

Nesse sentido, a comunidade camponesa de Itabaiana, possui muitas semelhanças com a comunidade camponesa do Vale do Campan, apesar das particularidades de cada uma. Essa semelhança é muito forte na questão dos costumes e culturas, das “disciplinas coletivas”, como indica Lefebvre. Entretanto, devido aos inúmeros problemas encontrados no campo brasileiro com a expropriação de camponeses, percebemos uma tentativa de “destruição” dessa comunidade tão importante para nossa formação territorial. Todavia, encontramos também a resistência dessa classe, em manter suas tradições, seus costumes, sua afeição pelo trabalho na terra e na lida com os animais. Como se pode ler nos relatos a seguir.

O depoente A.F (22 anos) explicita qual o sentido da terra para ele: “O sítio traz felicidade, representa algo que a gente é”. E complementa: “Apesar de ser um trabalho duro, desvalorizado muitas vezes, é um trabalho que independente de renda financeira, é algo que me deixa feliz”. Ele ainda destaca seu sentimento de identidade por esse local: “Sentido de felicidade. De Vida. É algo que me representa”. Relato semelhante da entrevistada R.T.F (30 anos):

Eu gosto, falar a verdade me sinto bem. É igual a criar, eu amo criar. O animal parece que me deixa calma, me deixa... Se tiver um problema eu vou lá e fico conversando com os bois, você [os bois] me entende, né? Ele fica olhando pra mim, como se dissesse: “Eu entendo mesmo, pode falar.” Eu gosto. Por mais que seja cansativo, porque é cansativo, é um trabalho árduo, é cansativo.

Através desses registros, é possível desmistificar a ideia de que o sítio é um local qualquer, um mero local de trabalho e que o próprio trabalho, apesar de árduo, como indica os entrevistados não é um fardo. Diversos temas permeiam essa classe de trabalhadores e ajudam a entender sua importância no processo de formação do território de Itabaiana/SE. O camponês tem costumes que lhes são próprios, um modo de vida que os identifica. Esses costumes estão presentes quer seja nas suas plantações, na criação de animais, na sua religiosidade, na coletividade e interação no/do trabalho, na feira, no próprio tempo, afinal, o tempo camponês é diferente, embora não cronometrado, é a família quem decide a hora de começar e parar o seu dia de trabalho na roça.

Sobre o sentido de coletividade, Holanda (2014, p.70), explicita que as relações sociais vão sofrendo alterações ao longo do tempo:

Outros costumes, como o do muxirão ou mutirão, em que os roceiros se socorrem uns aos outros nas derrubadas de mato, nos plantios, nas colheitas, na construção de casas, na fiação do algodão, teriam sido tomadas de preferência ao gentio da terra e fundam-se, ao que parece, na expectativa de auxílio recíproco, tanto quanto na excitação proporcionada pelas ceias, as danças, os descantes e os desafios que acompanham obrigatoriamente tais serviços. (HOLANDA, 2014, p. 70).

Em sua fala, A.F. (22 anos), relata o quanto essa interação vem diminuindo:

Na minha região existe ainda, mas como eu falei, só entre família. A troca de semente ainda existe, pouca, mas existe. A questão da troca de mão-de-obra, de serviço, ainda existe, às vezes meu primo vem trabalhar na minha roça, no outro dia eu vou trabalhar na dele. Existe muito pouca, mas ainda existe e essa questão do beiju, também existe lá bastante, geralmente quando a vizinhança vai fazer... exemplo meu pai planta macaxeira, leva a boa para feira e às vezes sobra muita miúda, aí quando ele não tá criando boi, ele doa para uma pessoa, aí a pessoa já é necessitado, vai rapa a farinha e depois dá um beiju a meu pai e aquela pessoa que rapou a farinha às vezes nem tem casa de farinha aí vai e pede emprestado à vizinha. Existe ainda essa trocas, pouquíssimas, mas existe. E geralmente não sei se tem haver com religião, mas geralmente é em família religiosa na minha região que acontece isso.

Os costumes presentes nas plantações estão ligados principalmente ao tempo camponês para plantar. Queiroz (2009) analisa que os costumes não diferem muito de região para região tampouco diferem com relação à divisão sexual do trabalho. Nesse sentido:

De acordo com o costume nos “bairros”, todos fazem as mesmas coisas ao mesmo tempo: todos semeiam, todos cuidam das plantas, todos colhem ou então todos folgam. Quando o pai vai para a roça, o filho também vai, mesmo que só haja trabalho para um. (QUEIROZ, 2009, p. 68).

A.F. (22 anos) enfatiza bem essa questão de divisão de tarefas:

Lá nunca existiu muito isso, só quando é época de plantar ou colher, o serviço mais braçal, mais duro geralmente “faz eu”, meu pai e meu irmão. Minha mãe sempre trabalhou na roça e fazia também trabalho braçal, mas, com menos frequência porque ela também tinha almoço, cuidar da casa. Minha mãe sempre tirou leite de vaca, colocou ração para galinha.

A depoente R.T.F (30 anos), explica alguns costumes que mantém no cultivo da sua roça:

Ah, sim... A plantação a gente segue a lua cheia. Aliás, essa [plantação] que vai dá ruim agora não foi na lua cheia, por incrível que pareça, aí meu esposo: “tá vendo? Tem que seguir o calendário! A gente não seguiu...”

A.F (22 anos) relata costumes semelhantes:

A manaíba tem que ser na lua minguante, porque se plantar na lua nova, dá mais fina. Antes não dava muita bola para isso, mas com o passar do tempo fui fazendo o teste e realmente funciona. A “correnteza de formiga” faz a gente saber a época que vai chover. Tem um pássaro chamado três potes e no fundo da minha casa tem uma reserva de mata, se ele cantar, certeza chover naquela semana, raríssimas vezes ele canta para não chover. E a gente baseia plantação justamente nesse cronômetro. (...) Na hora de deitar a galinha, botar o ovo para chocar a galinha, tem relação com a lua, tem que ter o período da lua adequado, você colocando na lua minguante, geralmente “gora” os ovos, nascem 3 pintos de 24 e se você deitar no início da lua nova, tem mais probabilidade de nascer mais pintos.

Outro fator que diferencia a categoria camponesa está relacionado também à produção diversificada de plantações (Ver imagens 01, 02 e 03). No sítio camponês, geralmente são encontradas diferentes cultivos para subsistência familiar e o excedente da produção é vendido

nas feiras livres (Ver imagem 04) ou ao chamado “atravessador” com quem os camponeses fazem acordo (geralmente na palavra), um acordo informal de que quando a plantação estiver pronta para o cultivo o atravessador compra toda a produção por um determinado preço combinado entre eles. Essa prática é comum entre os camponeses de Itabaiana/SE, entretanto vários problemas foram diagnosticados com essa ação, dentre eles a falta de pagamento ou até mesmo a contagem errada da produção por parte do atravessador.

O entrevistado D.M.L, relata esse tipo de situação:

Vendo batata doce para atravessador. Inclusive tô com problemas com atravessador. O cara me pegou a batata do inverno passado e ainda tem R\$3.000,00. Tinha R\$3.000,00 em Janeiro, aí eu fiz um acordo com a criatura, tentei tudo que possível fosse, para ele me pagar de R\$500,00 em R\$500,00 de 15 em 15 e 8 em 8 [dias]. Fiz um acordo bom, razoavelmente bom para os dois. Acordo verbal. Mas eu registrei tudo, porque foi conversado pelo *whatsapp* e ele não quis esse acordo, ele descumpriu há muito tempo e já vem com uma grande problemática, o tom que ele fala é um tom de ameaça. A família dele não é uma família totalmente confiável nessas questões, inclusive um, nessa greve dos caminhoneiros mesmo, parava alguns carros e tomava dinheiro das pessoas, foi preso e ficou um bom tempo com torção de tornozelo. De Moita Bonita esse homem. A gente enfrenta esses problemas.

Imagem 01 – Produção camponesa diversificada (Na imagem, produção de inhame para o consumo familiar).



FONTE: CUNHA, F.S. Trabalho de campo. Julho, 2019.

Imagem 02: Plantação de rama de batata e macaxeira para consumo



FONTE: CUNHA, F.S. Trabalho de campo. Julho, 2019.

Imagem 03: Produção camponesa de pimenta



FONTE: CUNHA, F.S. Trabalho de campo, Novembro, 2018.

Imagem 04: Excedente da produção camponesa vendida na feira livre de Itabaiana/SE



FONTE: CUNHA, F.S. Trabalho de campo, Dezembro, 2017.

A análise do conteúdo de cada entrevista permitiu compreender as dificuldades que os camponeses enfrentam no seu dia-a-dia, cabendo destacar aqui a falta de água para plantações. Esse recurso sempre foi de extrema importância para o trabalho na terra, sobretudo no trato das culturas que lhes são essenciais para subsistência e reprodução social. E no que tange a essa questão, o depoente L.E.S (20 anos) destacou que em seu povoado a falta de água para irrigação é um gargalo para o cultivo e produção, e ficam “presos à água da chuva”. Atualmente, no povoado tem fornecimento de água encanada, mas não para a irrigação. Relatou que as pessoas iam buscar água em açudes com carroça, sobretudo para a produção de pimenta que depende muito de água para o seu desenvolvimento.

A pequena propriedade da família de A.F. (22 anos), também não conta com sistema de irrigação. Dessa forma, a família espera pela “água do inverno” para poder plantar as principais culturas como batata-doce, inhame e macaxeira. Enquanto a chuva não vem, a terra descansa. Esse “descanso da terra” e a rotação de culturas é muito próprio dos camponeses e que difere das grandes propriedades monocultoras:

Lá é uma área que tem pouquíssimas áreas irrigadas. Quem tem, geralmente, são pessoas de grande propriedade, que tem condições e geralmente é poço artesiano. Nós não “irriga”, a água nossa é do inverno. Um exemplo: melancia agora que é uma época muito seca, (...) melancia é uma planta típica do verão, não precisa de muita água, mas para nascer o caroço precisa de água, aí a gente molha no balde, na hora de colocar uma mamona, para enverdecer a lavoura, a gente molha também para esse fertilizante pegar na lavoura, mas mesmo assim ela se cria no sol. E quando não dá para molhar, exemplo, agora não dá para plantar macaxeira, a gente deixa a terra vazia e espera a chuva de Fevereiro, Janeiro.

Diferentemente dos demais, o entrevistado A.F.S. (73 anos), perfurou poço em sua propriedade há pouco tempo para os filhos trabalharem na terra. O depoente relata as dificuldades enfrentadas pela família antes da perfuração do poço. A falta de água inviabilizava o trabalho no campo, diante dessa situação, dois entre seus sete filhos, foram forçados a procurar outra fonte de renda e acabaram no ramo da construção civil em Aracaju/SE. Ele conta que sua prole ficou dois anos nesse trabalho, conseguiram juntar uma quantia necessária para perfurar o poço e hoje tiram o seu sustento do trabalho no campo. Dessa forma, a família passou a ser menos dependente da água da chuva, plantando o ano todo, uma diversidade maior de culturas para subsistência da família e também para venda, entre elas: batata doce, macaxeira, amendoim e pimenta.

Cabe destacar ainda, a dificuldade do camponês em se manter na terra relacionada ao próprio tamanho da propriedade. Quando questionado sobre esse tema, o entrevistado L.E.S. (20 anos) relatou que a mesma só foi possível depois de muito trabalho na atividade produtiva da cultura do fumo, e que há 30 anos atrás seus pais conseguiram comprar um terreno com 5 tarefas de terra. Atualmente no terreno tem sete famílias que vivem dessa terra, que se apresenta em apenas 3 tarefas, pois duas delas foram vendidas pelo seu avô para cumprir responsabilidades pessoais. Então, percebe-se que a “diminuta” quantidade de terra impossibilita, de certo modo, a manutenção dessas pessoas no campo, sobretudo quando há mais de uma família no mesmo espaço. A procura por trabalhos alternativos é muito forte também entre os camponeses, haja vista da dificuldade em se manter na terra vendendo apenas o pequeno excedente da produção.

Constata-se que, mesmo diante de tantas dificuldades, o ser camponês resiste a inúmeros problemas que lhes são colocados, quer seja a falta de água, a falta de pagamento por sua produção, o pequeno tamanho da sua propriedade, o esvaziamento do campo e consequente aumento da violência, quer seja também o uso de agrotóxicos e maquinários modernos.

A importância do camponês é tão grande, que, mesmo muitas vezes estando inconsciente de sua importância histórico e social, a fala e a situação camponesa revelam muitos valores que se encontram, por vezes, camuflados diante de uma sociedade capitalista. Contudo, apesar dessa intensa expropriação do homem do campo é possível perceber uma resistência deste em não abandonar suas raízes, seus conhecimentos. O camponês revela sua resistência de diferentes formas, seja cultivando seu pequeno pedaço de terra com seu modo tradicional (MOTTA, 1981), utilizando-se de instrumentos de trabalho como enxada, pá, foice. Fazendo coivaras. Cultivando diferentes culturas de subsistência como o feijão de corda, a cebola *Ciganinha* (Ver imagem 05), o tomate, amendoim, batata, macaxeira ou vendendo o pequeno excedente de seu trabalho nas feiras. Participar das feiras livres significa para muitos camponeses também uma forma de entretenimento, ou seja, as relações sociais, ver pessoas, reencontrar os amigos. O comércio de Itabaiana conta com uma efervescência que antes já havia sido descrita por Ferreira (1959) como “o mais animado do interior do Estado”.

Imagem 05: Venda de cebola ciganinha no mercadão de Itabaiana/SE



FONTE: CUNHA, F.S. Trabalho de campo, Dezembro, 2017.

Em trabalho de campo realizado à tradicional feira de Itabaiana/SE com o objetivo de encontrar referências camponesas permitiu compreender diversas situações: A presença camponesa na feira de Itabaiana é forte, especialmente na venda de produtos provenientes de seus conhecimentos na lida direta com a terra: objetos de palha, madeira, ferro e barro (Ver imagens 06, 07 e 08) e também com a venda do excedente de sua produção. Entretanto, situação

problemática foi encontrada, pois, embora a cultura camponesa demonstre resistência na feira de Itabaiana, esta cultura pode desaparecer, haja vista que muitos camponeses com os quais conversei informalmente, falam em “entretenimento” e, é justamente esse “entreter” que pode marcar o fim da cultura rural na feira. Hoje, os filhos ou outro membro da família, não demonstram interesse em dar prosseguimento à venda de determinados produtos na feira, como exemplos: A cebola ciganinha, os cestos, os cabos de enxada e, a tendência é que com o passar do tempo, essa cultura vá sendo esquecida. Dessa forma, é fundamental refletir sobre como seria possível que pelo menos uma pessoa da família enxergue essa resistência e, dê continuidade à venda desses produtos, não apenas como forma de entretenimento, mas como forma de sobrevivência dessa cultura.

Imagem 06: Chapéu de palha produzido por camponeses e vendido na feira de Itabaiana/SE



Fonte: CUNHA, F.S. Trabalho de campo, Dezembro, 2017.

Imagem 07: Objetos ainda muito utilizados por camponeses e vendidos na feira de Itabaiana/SE



FONTE: CUNHA, F.S. Trabalho de campo, Dezembro, 2017.

Imagem 08: Potes de barro, alguidares; ‘pedras de amolar’



Fonte: CUNHA, F.S. Trabalho de campo, Setembro, 2018.

Por fim, constata-se que estudar é a palavra-chave para reconhecer o legado deixado por outras gerações. Estudar não apenas as ferramentas, mas também os costumes, o sentido da terra

para o camponês, a sua religiosidade, o tempo, a sua produção. Como afirma Thompson (1998, p. 14), “Costumes como remanescentes do passado”. Abreu (1997) assinala que para analisar o atual espaço geográfico, é necessário investigar o seu processo histórico, suas formas materiais (vestígios que ainda resistem na paisagem – ver imagem 09), bem como o patrimônio imaterial (crenças, costumes, saberes, expressões) existentes no passado e que foram passadas de geração em geração, e que, por vezes, podem ser esquecidas com o tempo.

Imagem 09: Casa de taipa localizada no povoado Caraíbas – Um patrimônio material que resiste à ação do tempo



Fonte: CUNHA, F.S. Trabalho de campo, Novembro, 2018.

5. Conclusões

Os resultados apresentados demonstram que obtivemos êxito na execução da proposta de pesquisa ao desvelar as formas de reprodução camponesa através do trabalho/da lida direta com a natureza e sua importância social na produção do espaço geográfico.

A proposta de registrar memória camponesa entre os próprios discentes da UFS se justifica também como tentativa de romper ou pelo menos combater os fortes preconceitos existentes contra a origem daqueles que vem ‘do interior’ e exaltar seus conhecimentos na construção do espaço.

Diante da expropriação e, consequente esvaziamento do campo, as relações sociais antes existentes foram sendo alteradas ou até mesmo esquecidas. No entanto, é possível encontrar famílias que mesmo diante de tamanhas dificuldades conseguem sobreviver da lida direta com a terra, demonstrando resistência. Destaca-se aqui: a resistência à seca, os avanços capitalistas no campo, consequentemente a sua expropriação, tentam resistir ao uso indiscriminado de agrotóxicos, resistem ainda na manutenção de costumes, da coletividade.

Constata-se que a importância do camponês é histórica e que desde suas origens luta por espaço e reconhecimento. Os estudos feitos são fundamentais para reconhecer também o legado deixado por outras gerações.

Conclui-se que conhecer a história do município de Itabaiana desde sua conquista colonial, o lento processo de formação dos primeiros núcleos de população (LIMA JÚNIOR, 1914), a fundação da vila e, no século XIX a elevação à categoria de cidade, ajuda a compreender a atual geografia de Itabaiana, os costumes, as histórias contadas por camponeses e camponesas, por vezes esquecido.

6. Perspectivas de futuros trabalhos

A pesquisa em questão foi de grande relevância para minha formação enquanto professora e pesquisadora. Participar do Programa de Iniciação Científica permitiu compreender a importância social da pesquisa e abriu as portas para uma possível seleção de mestrado.

Por estar no último ano de graduação, não continuarei com um plano de trabalho específico na próxima seleção, no entanto, pretendo continuar colaborando no que for necessário na continuação do projeto 2019/20. Outro bolsista dará continuidade ao plano “Registro de memória social do trabalho camponês”.

Como produto do aprendizado da pesquisa, pretendo escrever um artigo no qual desejo expressar o ser camponês, não somente como um ser singular e um modo de vida, mas também um ser que demonstra resistência frente às dificuldades e contradições inerentes à sua permanência na terra.

7. Referências bibliográficas

- ABREU, M. de A. A apropriação do território no Brasil colonial. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 197-241.
- BLOCH, M. **A terra e seus homens: Agricultura e vida rural nos séculos XVII e XVIII**. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- CARVALHO, J.G.de. **Camponês e campesinato: contribuições teóricas de uma evidência empírica no Brasil**. 39º Encontro Anual da Anpocs. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt21/9638-campones-e-campesinato-contribuiçoes-teoricas-de-uma-evidencia-empirica-no-brasil/file>> Acesso em 31 de Julho de 2018.
- FERREIRA, J.P. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.
- FORMAN, S. **Camponeses: sua participação no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/c26m8>>. Acesso em 01 de Dezembro de 2018.
- HOLANDA, S.B. de. Trabalho e aventura. In: HOLANDA, S.B. de. **Raízes do Brasil**. 27.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2014. p. 47-82.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - 2010. Panorama População Urbana e Rural. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/itabaiana/panorama>> Acesso em 01 de Janeiro de 2019.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Moita Bonita. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/sergipe/moitabonita.pdf>.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sergipe e seus municípios**. Departamento Estadual de Estatística. Aracaju – Sergipe, 1944. p. 115-119.
- LEFEBVRE, H. A organização tradicional. In: LEFEBVRE, Henri. **O Vale de Campan: Estudo de sociologia rural**. Tradução: Ana Cristina Mota Silva, Anselmo Alfredo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. p. 111-125.
- LIMA JÚNIOR, F.A. de Carvalho. **Monografia histórica do município de Itabayana**. Revista do Instituto Histórico e geográfico de Sergipe. Aracaju. v.2, n.4, 1914. P. 128-149.
- MARX, K. A assim chamada acumulação primitiva. In: MARX, K. **O capital: Crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 785-833.
- MEIHY, J.C.S.B; HOLANDA, F.; **História oral: como fazer, como pensar**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- MOTTA, M. V. **Conhecimento camponês e forças produtivas: a fazenda goiana**. Disponível em: http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1981/anuario81_marizamotta.pdf. Acesso em: 19 de Dezembro de 2017.
- PAULO NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx - 1947**. 1.ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.
- QUEIROZ, M. de. **Dicionário sucesso da língua portuguesa**. Recife: Distribuidora de edições pedagógicas, 2014.
- QUEIROZ, M.I.P. de. Uma categoria rural esquecida (1963). In: WELCH, C.A. et al. (Orgs.). **Camponeses brasileiros: Leituras e interpretações clássicas**. v.1. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. p. 57-72.

SÁ, A. F. de A. Os lugares da memória da luta camponesa. In: LOPES, E. S. A.; SILVA, T. E. M. da.; MOTA, D.M. da. (Orgs.). **Ensaio**s: Desenvolvimento Rural e transformações na agricultura. Aracaju: EMBRAPA/UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, 2002, p. 296-312.

THOMPSON, E.P. Introdução: Costume e cultura. In.: THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998. p. 13-24.

WANDERLEY, M. de N. B. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. **RESR**, Piracicaba-SP, v.52, supl.1, p. 25-44, 2014.

WILLIAMS, Raymond. Cidades e campos. In: WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: Na história e na literatura. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das letras, 2011. p. 471-500.

8. Outras atividades

Outras atividades acadêmicas também foram realizadas entre os meses de Agosto/2018 e Julho/2019, estas, foram de extrema importância para minha formação enquanto graduanda e pesquisadora, pois, contribuíram e contribuem para a formação de um pensamento crítico, além da obtenção de mais conhecimento, a partir dos diálogos e interações com outros estudantes, professores, debatedores e palestrantes. É válido ressaltar que todas as atividades desenvolvidas nesse período possuem um vínculo direto com a pesquisa em questão: “Trabalho camponês na formação territorial de Itabaiana/SE”.

- Participação na VIII Semana de Geografia: Estado e reformas políticas em tempos de crise, que ocorreu nos dias 13, 14 e 15 de Agosto/2018 na Universidade Federal de Sergipe – Campus Itabaiana³.

- Produção e apresentação de artigo intitulado: “Projeto de Pesquisa na formação do professor pesquisador: Relato de experiência”.
- Participação no concurso de fotografia com o tema: “O uso da geografia em nosso cotidiano”. A fotografia enviada tinha como título: “A roça camponesa”.

- Participação na V SEMAC: Autonomia, diálogo e integração na educação superior, que aconteceu entre os dias 05 e 09 de Novembro/2018⁴.

- Participação no minicurso “Gerenciamento de referências bibliográficas: Mendeley”;
- Membro da comissão organizadora da exposição “Das minas de prata ao trabalho camponês”.

- Participação na I Jornada de Geografia de Sergipe: Trajetória histórica e dinâmicas espaciais, que ocorreu em todas as Quartas-feiras do mês de Fevereiro na Universidade Federal de Sergipe – Campus Prof. Alberto Carvalho, com os seguintes temas⁵:

Dia 06/02/19 – Tema: O município de Itabaiana no cenário regional.

Dia 13/02/19 – Tema: A dinâmica litorânea do Estado de Sergipe.

Dia 21/02/19 – Tema: A centralidade de Aracaju e os municípios sergipanos.

³ Ver Apêndice B: Certificados;

⁴ Ver Apêndice C: Certificado;

⁵ Ver Apêndice D: Certificado.

Dia 27/02/19 – Tema: Uma visita pela história de Sergipe.

9. Apêndices

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____, residente na _____.

Profissão: _____.

RG: _____ pelo presente documento declaro que participei de entrevista como também de exercício etnográfico, incluindo registro fotográfico _____ no _____ seguinte local: _____,

no dia _____, no turno da _____, e contatos posteriores no(s) seguinte(s) local(is), datas e turnos data(s): _____

_____. Ciente que estes registros serão fontes de pesquisa do Projeto de Pesquisa: PVE7138-2018 -Trabalho camponês na formação territorial de Itabaiana, Sergipe (PIBIC/COPES/UFS), e do(s) Plano(s) de Trabalho _____, desenvolvidos sob a Coordenação de Fabrícia de Oliveira Santos, Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe (SIAPE 2569894), Campus Prof. Alberto Carvalho, e pelos(as) Bolsista(s) _____ (Tipo da Bolsa(s): _____) discente do Curso de Geografia (matrícula _____); e integram os objetivos do Projeto supracitado que inclui, entre as fontes e temas levantados e inventariados, através de pesquisa bibliográfica e de trabalhos de campo, a proposta de desvelar questões além dos discursos presentes na historiografia, mas que

se perpetuaram no tempo e no espaço em suportes pouco contemplados, como os ofícios, e fazeres, como marcas de ocupação humana essenciais à sobrevivência de populações e à formação territorial estudada, como fontes que possam subsidiar propostas sobre vias de reconhecimento dessas referências patrimoniais. E, ao compreender o respeito ao participante entrevistado(a) em sua dignidade e autonomia, de forma a assegurar a minha vontade de contribuir com a pesquisa, assino o Termo por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida, fornecendo à (aos) pesquisadora(es) acima citada(as/os) este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para divulgar e publicar, para fins acadêmicos, a mencionada entrevista e demais registros no todo ou em parte, editados ou não, com ressalva de garantia da integridade e de confidencialidade de seu conteúdo e a identificação do autor cedente da entrevista e das imagens, como também de quem efetuou os registros.

Obs.:

Formas de registro efetuadas:

- () Entrevista não gravada em suporte eletrônico, apenas anotadas as respostas às questões abertas e fechadas;
- () Entrevista gravada em suporte eletrônico, e também anotadas as respostas às questões abertas e fechadas;
- () Registro fotográfico e/ou audiovisual.

_____. SE ____/____/____

Assinatura do(a) Entrevistado(a)

Assinatura de Testemunhas

Assinatura do(s) Pesquisador(es)

Termo elaborado a partir de consulta às legislações pertinentes, sobretudo, a Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016

Coordenação: *Profa. Dra. Fabícia de Oliveira Santos*

Projetos vinculados:

PVE7138-2018 - Trabalho camponês na formação territorial de Itabaiana, Sergipe

PVE5620-2017 - “Sítio e roça, costumes e trabalho: fontes e conhecimento camponês para um pensamento geográfico e uma geografia histórica da formação territorial de Itabaiana, Sergipe”

PVE4480-2016 - DAS MINAS DE PRATA A OUTROS INTERESSES: pensamento geográfico e geografia histórica de Itabaiana - fontes e temas relativos à formação de seu território

PVE3637-2015 - DAS MINAS DE PRATA A OUTROS INTERESSES: pensamento geográfico e geografia histórica de Itabaiana - fontes e temas relativos à formação de seu território

PVE2093-2014 - DAS MINAS DE PRATA A OUTROS INTERESSES: pensamento geográfico e geografia histórica de Itabaiana - fontes e temas relativos à formação de seu território nos séculos XVII ao XIX

APÊNDICE B - Certificados de participação na VIII Semana de Geografia: Estado e Reformas políticas em tempos de crise

Acesse <https://credencial.imasters.com.br/validar-certificado> para verificar se este certificado é válido. Código de validação: ZRZZBH



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CERTIFICADO

Certificamos que **FRANCIELY SANTOS CUNHA** participou na condição participante na **VIII SEMANA DE GEOGRAFIA: ESTADO E REFORMAS POLÍTICAS EM TEMPOS DE CRISE** realizada na **Universidade Federal de Sergipe**, em **Itabaiana**, no período de **13/08/2018** a **15/08/2018**, com carga horária de **30** hora(s).

Prof. Dr. José Humaldo Lima
Chefe do DGEI

Profa. Dr.ª Ana Rocha dos Santos
Organizadora Geral do Evento

Realização

Organização



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE

DGEI
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - ITABAIANA





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CERTIFICADO

Certificamos que **FRANCIELY SANTOS CUNHA** participou do II Concurso de Fotografia promovido pelo DGEI, durante a VIII SEMANA DA GEOGRAFIA: Estado e Reformas Políticas em Tempos de Crise, realizada na Universidade Federal de Sergipe, em Itabaiana, no período de 13 a 15 de Agosto de 2018.

José Heraldo Lima

Prof. Dr. José Heraldo Lima
Chefe do DGEI

Ana Rocha dos Santos

Prof. Dr.ª Ana Rocha dos Santos
Organizadora Geral do Evento



Realização
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE

DGEI
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - ITABAIANA



Organização

APÊNDICE C - Certificado de participação na V SEMAC: Autonomia, diálogo e integração na educação superior.



O Certificado de Participação no minicurso “Gerenciamento de referências bibliográficas: Mendeley” ainda não está disponível⁶.

⁶ O Certificado de Participação no minicurso “Gerenciamento de referências bibliográficas: Mendeley” ainda não está disponível

**APÊNDICE D – Certificado de participação na I Jornada de Geografia de Sergipe:
Trajetória histórica e dinâmicas espaciais.**

PROEX	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
<h1>Certificado</h1>	
<p>Certificamos que, FRANCIELY SANTOS CUNHA, CPF 071.142.935-93, participou da Atividade de Extensão I JORNADA DE GEOGRAFIA DE SERGIPE: TRAJETÓRIA HISTÓRICA E DINÂMICAS ESPACIAIS, com carga horária de 16 hora(s), coordenada pelo(a) Professor(a) JOSEFA DE LISBOA SANTOS, promovida pelo(a) DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, na função de PARTICIPANTE, com frequência 100%. A atividade foi realizada no período de 6 de Fevereiro de 2019 a 27 de Fevereiro de 2019.</p>	
JOSEFA DE L. SANTOS Coordenador(a)	São Cristóvão, 17 de Abril de 2019
	ALAÍDE HERMÍNIA DE AGUIAR OLIVEIRA Pró-Reitor(a) de Extensão
<p>Código de verificação: b8e1bc0b41 Número do Documento: 518788 Para verificar a autenticidade deste documento acesse https://www.sigaa.ufs.br/documentos/ >> Extensão >> Certificado de Participante de Ação de Extensão, informando o número e data de emissão do documento e o código de verificação.</p>	